INSTITUTO CATÓLICO DE ESTUDOS SUPERIORES DO PIAUÍ – ICESPI.
LICENCIATURA PLENA EM FILOSOFIA

SEBASTIÃO FRANCISCO DOS SANTOS

# CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE SOCIAL DO ADOLESCENTE COM DEFICIÊNCIA FÍSICA NO AMBIENTE ESCOLAR: UMA ABORDAGEM REFLEXIVA

TERESINA – PI,
2014

SEBASTIÃO FRANCISCO DOS SANTOS

# CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE SOCIAL DO ADOLESCENTE COM DEFICIÊNCIA FÍSICA NO AMBIENTE ESCOLAR: UMA ABORDAGEM REFLEXIVA

Monografia apresentada ao Instituto Católico de Estudos Superiores do Piauí - ICESPI, como requisito para obtenção do titulo de Graduação do curso de Licenciatura Plena em Filosofia sob orientação do Prof. Eudóxio Soares Lima Verde.

Cod. 5853
100
S287c
Ex.01

TERESINA-PI

2014

ICESPI - Biblioteca
13132 15/10/19

SEBASTIÃO FRANCISCO DOS SANTOS

# CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE SOCIAL DO ADOLESCENTE COM DEFICIÊNCIA FÍSICA NO AMBIENTE ESCOLAR: UMA ABORDAGEM REFLEXIVA

Trabalho de conclusão do curso apresentado ao Instituto Católico de Estudos Superiores do Piauí - ICESPI como requisito parcial para a obtenção do curso de Licenciatura Plena em Filosofia. sob orientação do Prof. Eudóxio Soares Lima Verde.

APROVADO (A) EM : _____/_____/_____

_____

Eudóxio Soares Lima Verde

Orientador

_____

Leitor$_1$

_____

Leitor$_2$

## RESUMO

O presente trabalho tem como objetivo discutir sobre a construção da identidade social do adolescente com deficiência física no ambiente escolar, para melhor compreender e esclarecer como ocorre o seu desenvolvimento no ambiente de ensino. E como objetivo específico optou por avaliar o processo de inclusão do adolescente com deficiência física na Unidade Escolar Dr. João Carvalho-PI. E elencar os pressupostos legais da inclusão; observar a partir da visão do professor a dificuldade de ensino aprendizagem dos adolescentes com necessidade educacional especial. Para tanto, realizou-se uma pesquisa bibliográfica, utilizando-se de pensamento de citações de autores como: Beckea (1989), Calligaris (2000), Zaguiri (2001-1996), Bock (2004), Perlin (1998), Silva (2000) MEC (2004), Mazzota (1992) dentre outros. Em seguida fez-se uma pesquisa de campo observacional na Escola da rede Pública Estadual Dr. João Carvalho. E os sujeitos colaboradores da pesquisa foram alunos com faixa etária de 13 a 19 anos, dentre eles foram observados 04 (quatro) alunos com deficiência física e o um professor da sala destes alunos. Para a coleta de dados fez–se um levantamento acerca da escola sobre suas condições física, recursos didáticos e tecnológicos que contribui para o ensino aprendizagem. A pesquisa permitiu constatar que os adolescentes com deficiência física que se encontram na ambiência escolar enfrentam todas as dificuldades no processo aprendizagem, pois ainda é um desafio. O estudo mostrou que os professores são favoráveis a uma escola para todos, mas eles ainda sentem-se impotente, ou seja, pouco preparados e pouco apoiados pelos sistemas políticos educacionais para desenvolverem uma educação inclusiva que prepare o aluno para a vida e a construção de sua identidade social.



**Palavra – chave:** Adolescência. Deficiência Física. Ambiente Escolar. Inclusão

**ABSTRACT**

This paper aims to discuss the construction of adolescent social identity with physical disabilities in the school environment, to better understand and clarify how is their development in the learning environment. And as specific objectives chose the adolescents' inclusion process with physical disabilities in the school unit João Carvalho IP and list the legal requirements of inclusion; seen from teachers view the difficulty of teaching learning of adolescents with special educational needs. Therefore, we carried out a literature search, using the thinking of others and quotes. How to: Beckea (1989), Calligaris (2000), Zaguiri (2001-1996), Bock (2004), Perlin (1998), Silva (2000) MEC (2004), Mazzota (1992) among others. Then became an observational field research in the School of Public network State João Carvalho. And the collaborating subjects of the research were students aged 13-19 years were observed among them four (04) students with physical disabilities and the teacher of this room students. For data collection was made a survey about the school about their physical conditions, teaching resources and technology that contributes to the learning teaching. The research it was established that adolescents with physical disabilities who are in school ambience face all the difficulties in the learning process, it is still a challenge. The study showed that teachers are in favor of a school for all, but they still feel ineffective, ie unprepared and poorly supported by educational political systems to develop an inclusive education that prepares students for life and the construction of their social identity.

**Word - key:** Adolescence. Physical Disability. School environment. Inclusion

## AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus pela a força e coragem depositados em meu coração para que pudesse enfrentar mais esse desafio.

Agradeço a todos aqueles que contribuíram para realização desse trabalho, seja de forma direta ou indireta, a minha eterna gratidão.

Agradecimentos especiais a todas as pessoas que colaboram como sujeitos da pesquisa, bem como, sou grato à professora coordenadora da escola que me acolheu e aceitou fazer esta pesquisa em sala de aula através de observação na ambiência escolar e ao orientador deste trabalho.

"As diferenças físicas ou intelectuais de uma pessoa não é seu registro de identidade, mas pode ser visto pelos outros como a aceitação dos seus próprios limites pessoais".

(Zilda Arns)

Dedico este trabalho especialmente a minha família que me apoiou no decorrer desta jornada tão significante para minha vida.

## LISTA DE SIGLAS

**EJA** – Educação de Jovens e Adulto ..... 30

**PNAE** – Programa Nacional de Alimentação Escolar ..... 31

**PDDE** – Programa Dinheiro Direto na Escola ..... 31

**MEC** – Ministério de Educação e Cultura ..... 18

## LISTA DE QUADROS

QUADRO 01 ..... 30
QUADRO 02 ..... 30

**SUMÁRIO**

**1. INTRODUÇÃO** ..... 12
**2. CONCEITO DE ADOLESCÊNCIA E SUAS CARACTERÍSTICAS** ..... 14
2.1 - CONCEITO DE IDENTIDADE NA PERSPECTIVA DA BUSCA DA CONSTRUÇÃO SOCIAL ..... 17
2.2 – DEFICIÊNCIA FÍSICA: ASPÉCTO TEÓRICO E CONCEITUAL LEGAL ..... 18
**3. DESAFIO DA INCLUSÃO DE PESSOAS COM DEFICIÊNCIA FÍSICA NO AMBIENTE ESCOLAR** ..... 21
3.1 - PRÁTICA PEDAGÓGICA INCLUSIVA ..... 23
**4. PROCEDIMENTOS MEDODOLOGICOS** ..... 28
4.1 - TIPO DE PESQUISA ..... 28
4.2 – OBJETIVOS DA PESQUISA ..... 28
4.3 – CAMPO DA PESQUISA ..... 28
4.4 – SUJEITOS DA PESQUISA ..... 29
4.5 – UNIVERSO DA PESQUISA ..... 29
4.6 – INSTRUMENTOS DE COLETAS DE DADOS ..... 29
4. 7 CARACTERÍSTICA DA ESCOLA ..... 29
**5. RESULTADO E DISCUSSÃO DOS DADOS** ..... 32
**6. CONSIDERAÇÕES FINAIS** ..... 35
**REFERENCIAS**

## INTRODUÇÃO

Na sociedade atual, ser adolescente é difícil e esta dificuldade se estende ainda mais quando são adolescentes com deficiência física, pois para buscar sua dignidade e viver sua identidade na sociedade é uma tarefa árdua que exige coragem, foco e determinação, porque a anomalia transforma-os em pessoas diferentes.

O interesse por este tema surgiu da necessidade de discutir e fazer um análise sobre a construção da identidade social do adolescente com deficiência física no espaço escolar e incluso na sala de aula, ensino regular, sobre o que é ser deficiente "revelam, as dificuldades de em lidar com o que se chama de desvio social e é, contudo, aquilo que foge na definição de ser normal".

E tem objetivo discutir sobre a construção da identidade social do adolescente com deficiência física no ambiente escolar, para melhor compreender e esclarecer como ocorre o seu desenvolvimento no ambiente de ensino. E como objetivos específicos optou por avaliar o processo de inclusão do adolescente com deficiência física na Unidade Escolar Dr. João Carvalho, Dom Expedito Lopes-PI. E elencar os pressupostos legais da inclusão escolar; observar a partir da sala se aula e visão dos professores a dificuldade de ensino aprendizagem dos adolescentes com necessidade educacional especial.

Tendo em vista estas questões, faz-se necessário uma melhor compreensão do que é um adolescente com deficiência física no ambiente escolar, suas dificuldades e como eles agem diante de tantos desafios e obstáculos que os impedem de desenvolver tanto na escola quanto na sociedade. Para obter respostas a essas questões partiu-se dos seguintes questionamentos. Como se sente o adolescente com deficiência física no ambiente escolar? O ambiente escolar é favorável aos jovens adolescentes com deficiência física? Os adolescentes buscam a construção de sua identidade social?

A experiência de ser adolescente com deficiência esta ligada a historia da vida particular de cada indivíduo, e mesmo que se reconheça semelhança sobre isso, não é possível falar de uma identidade de deficiente enquanto grupo. Do ponto de vista sócio – cultural, ter algum desvio, que os identifiquem como adolescente com deficiência e a forma pela quais lidam com este desvio, define sua

representação sobre essa identificação e sobre a deficiência, visto que o espaço escolar é considerado o lugar mais adequado para essa interação, assim tudo depende de como se lida com essas diferenças, pois é um desafio da convivência e de crescimento como seres humanos.

A pesquisa caracteriza-se do tipo bibliográfico exploratório, descritiva e observação de campo com levantamento de dados e a técnica que proporcionou-se o resultado e adequou a pesquisa foi a observacional que iniciou na Instituição com os sujeitos que dela participam. Neste caso a sala de aula tornou-se o laboratório para a realização da observação da temática em estudo. Para tanto, utilizou-se de Aportes teóricas como: Beckea (1989), Calligaris (2000), Zaguiri (2001-1996), Bock (2004), Perlin (1998), Silva (2000) MEC (2004), Mazzota (1982) dentre outros e revistas, endereços eletrônicos e artigos publicados.

Este trabalho está estruturado da seguinte forma: categoria I, II e III. A categoria I apresenta um breve histórico sobre adolescência, conceito de adolescência e suas características com deficiência física no ambiente escolar na busca da construção da identidade social; a categoria II trata do desafio da inclusão de pessoas com deficiência física e, a categoria III aborda a metodologia, os resultados e discussão dos dados e, por ultimo, tece as considerações finais.

## 2. CONCEITO DE ADOLESCÊNCIA E SUAS CARACTERÍSTICAS

A adolescência é vista como uma fase de transformação e descobertas. Na visão psicológica de Daniel Becker (1989 p. 10). A adolescência concebida como transformação, torna a sociedade e a cultura formas para se expressar.

Partindo dessa visão do autor, perceber-se o quanto é importante essa fase do ser humano e sua convivência numa sociedade que vive em constante transformação. Para tanto, Calligaris (2000. P. 20) analisa de forma clara as dificuldades que:

> Os jovens vão encontrar na sociedade para se inserirem, nesta fase denominada adolescência, fase esta instituída na nossa cultura em que o olhar adulto não reconheceu nelas os sinais da passagem para a vida adulta numa sociedade em que os adultos fossem definidos por alguma competência especifica não haveria adolescente, só candidatos e uma iniciação pela qual seria fácil decidir: sabe ou não sabe, é ou não adulto.

A pessoa humana está sempre em mudanças, ou melhor, a vida é um movimento constante em direção a maturidade biológica, psicológica, existêncial, social e política. Assim neste contexto ZAGURI (2001 p. 145-163) apresenta a adolescência com características negativas, como:

> Capacidade inesgotável de se opor insegurança e baixa autoestima, onipotência pubertária, grande apetite, insegurança, busca de identidade, confusão, medo, preocupação social, sonho, contradição, serenidades, instabilidade, emoções contraditórias e sentem-se imortais.

Neste sentido, nas características dos adolescentes apresentadas pela autora faz-se entender que a adolescência é vista como uma fase do desenvolvimento e durante esta fase ocorre vários comportamentos, ou seja, a adolescência é complexa, mas passa. Para isso a orientação dada pela autora é que os pais não devem estabelecer regras com clareza a fim de obter uma convivência saudável.

Neste pressuposto, Bock (2004, p 39) argumenta que:

> A adolescência é vista como uma construção social que tem suas repercussões na subjetividade e no desenvolvimento do homem moderno e não como um período natural do desenvolvimento. É um momento significado, interpretado e construído pelos homens. Estão associados a ela marca do desenvolvimento, certa dose de depressão, precisam de amor,

> são jovens e estão aprendendo todas estas características são atribuídas à idade, são negativos no sentido de incompletude e imaturidade e por não serem características desejadas.

Neste aspecto, vale ressaltar que para a autora as orientações e regras com relação à convivência familiar, ou seja, os pais, precisam ser tolerantes e saber cultivar o amor aos filhos adolescentes no sentido de fazer esse ato de convivência familiar momentos prazeres, onde deve reinar a paz com autoridade. Neste mesmo sentido, Zaguri (1996 p. 23-32) pauta a discrição das características dos jovens como extensa e rica.

> Características de comportamento social e, principalmente, psicológicas são tomadas e apresentadas como características de uma fase do desenvolvimento, universais e materiais, pois todos os jovens nesta fase apresentarão estas características. Interessante relacionarmos algumas: desenvolvimento físico, intelectual e afetivo, amadurecimento sexual, mudanças sociais tendência a imitação, tendência a buscar novas respostas do corpo. Essas marcas constituem também a adolescência como fenômeno social, mas o fato de existirem como marcas do corpo não de fazer da adolescência um fato natural.

Nesta perspectiva percebe-se que o homem como ser histórico – cultural, tem em desenvolvimento material e é visto como individuo que se apropria do poder a partir de contatos com instrumentos culturais, neste caso a adolescência é vista como uma construção social. Neste sentido, Tiba (1996, p. 77-86) versa que, o adolescente é visto como um ente acima e além dos indivíduos e das relações. As características são tomadas como universais e inevitáveis, respondem a necessidades.

Em acordo com essa visão sabe-se o que remete a relação do adolescente com os adultos, sempre é estável, pronto e acabado, portanto isso acontece ao contrário do adolescente eles estão em constante transformação. Assim, conflito no que tange a relação de ambos é tomado como natural e o adulto deve aprender a conviver bem com isso.

Neste ponto é visto a formação de conceito ou aquisição de sentido por meio da palavra que é resultado de uma atividade intensa e complexa do indivíduo, na qual as funções intelectuais básicas e superiores participam ativamente no seu cotidiano na convivência relacionando-se com outros adolescentes.

Desse modo a formação de conceitos não é resultante de associação, para tanto Vigotsky (2000) afirma que:

> [...] a questão central neste processo é o emprego funcional do signo ou da palavra como meio através do qual o adolescente subordina ao seu poder as suas próprias operações psicológicas, através do qual ele domina o fluxo dos próprios processos psicológicos e lhes orienta a atividade no sentido de resolver os problemas que tem pela frente ( 2000, p.169).

A aquisição da linguagem proporciona um salto no desenvolvimento intelectual, no qual o biológico transpõe para o cultural e assim o adolescente conquista aos poucos seu espaço do qual este o encaminha a sociedade.

A educação tem como finalidade enriquecer o processo de criatividade e tem o papel de construir o conhecimento de forma abrangente, pois ela possui elementos que ajudam na formação intelectual do aluno e também nas práticas que irão leva-lo para o seu cotidiano. O educador capaz de desenvolver sua prática educativa com alunos que portam deficiências físicas e deve ter como qualidade a capacidade de solidarizar-se com estes, a disposição de enfrentar dificuldades com desafios e a confiança de que todos são capazes de aprender.

Observa-se que a interação e comunicação entre educador e educando tem uma relevância tal que pode favorecer ou não o desenvolvimento da aprendizagem dos alunos de sala regular inclusiva facilitando a superação de dificuldades encontradas.

A relação professor-aluno é fundamental para a organização e assimilação dos conteúdos e tudo que o professor faz em sala de aula influencia no desenvolvimento do processo de aprendizagem dos alunos. Com relação ao alunado com deficiência física, esta relação é ainda mais importante, visto que os educandos vêm de um longo processo educativo e o professor precisa ter muita responsabilidade, dedicação e criatividade para que esses alunos sejam incentivados a permanecerem na escola. Oliveira (1999, p.60-61) afirma que:

> O adulto está inserido no mundo do trabalho e das relações interpessoais de um mundo diferente daquele da criança e do adolescente. Trás consigo uma história mais longa (e provavelmente mais complexa) de experiência sobre o mundo externo, sobre si mesmo e sobre as outras pessoas. Com relação à interação em situações de aprendizagens, essas peculiaridades da etapa de vida em que se encontra fazem com que ele traga consigo diferentes habilidades e dificuldades (em comparação com a criança) e, provavelmente, maior capacidade de reflexão sobre o conhecimento e sobre seus próprios processos de aprendizagem.

O educador deve também exercitar o ensinar e aprender numa troca mútua, identificando os fatores que contribuem para o desenvolvimento da aprendizagem significativa.

## 2.1 CONCEITOS DE IDENTIDADE NA PERSPECTIVA DA BUSCA DA CONSTRUÇÃO SOCIAL

O conceito de identidade é muito amplo e assume conotações e interpretações diferenciadas bastante complexas, pois tem sido alvo de discussão das varias áreas do conhecimento. Diante desta abordagem, Ferreira (2001.p 371), conceitua identidade como qualidade de idêntico; os caracteres próprios e exclusivos, aluno, pessoa, nome, idade, estado, profissão, sexo, etc.

Neste sentindo vale destacar que a identidade dos sujeitos com deficiência física, seja surdo, cego ou outra deficiência, os conceitos são divergentes bem como de acordo como Hall/apud Perlin, 1998, existem três conceitos diferenciados sobre o tema identidade: o iluminista, o sociólogo e o modernidade tardia. O iluminista é voltado exclusivamente para o homem perfeito, já o sociológico percebe as relações sociais das crianças no convívio com outras e as identidades tardias afirmam que as identidades são fragmentados. Assim é importante ressaltar que a identidade está sempre em processo de formação ou transformação. Perlin, (1998, p. 53) versa sobre a identidade da pessoa com deficiência da surdez dentro da cultura ouvinte é um caso onde a identidade é repremida, se rebela e se afirma em questão original.

A identidade original estabelece uma identidade de subordinação em vista da autoridade cultural, a mesma que se da entre outros grupos étnicos.

Neste pressuposto a autora retrata no seu posicionamento relacionado a cultura do ouvintismo, expressa muito bem sua crítica sobre isso, pois os sujeitos com deficiência de surdez vivem em uma situação de marginalização, a autora afirma ainda que:

> O surdo foi acumulado estereótipos que tem reforçado cada vez mais a breve hegemonia discriminatórias de sua produção cultural. O discurso do poder ouvinte mantém firme e controla estes estereótipos" (PERLIN, 1998. P 55)

Neste sentido, compreende-se que a identidade cultural ou social esteja vinculada as características relativas à construção deste grupo. Neste caso, na concepção de Perlin 1998, considera que o rotulo surdo, estabelece um grupo que compartilha da experiência visual e não ouvinte. Assim o autor por ser deficiente auditivo entende que o surdo tem diferença e não deficiência.

Diante disso, as pessoas com deficiência física deparam com muitas dificuldades, obstáculos, bem como fisiologias culturais, afetivos, psicológicos, sociais e religiosos. Assim, Silva (2000 P 38) reafirma em sua elaboração sobre a identificação cultural.

> [...] a identidade cultural ou social é um conjunto dessas características pelos quais os grupos sociais se definem como grupo: aquilo que eles são, entretanto é inseparável daquilo que eles não são, daquelas características que fazem diferentes. [...]

Destarte, certamente as dificuldades que os deficientes físicos enfrentam, são muitas e de certo modo afeta também aqueles com quem convivem cotidianamente. Neste sentido, é visto que em uma concepção construtivista de educação, o professor não é, nem tampouco pode ser mero espectador da construção dos conhecimentos de seus alunos. Cabe a ele o papel de organizar as situações de aprendizagens, as intervenções pedagógicas que auxiliem os alunos em suas próprias construções, que considerem seus conhecimentos e os mecanismos envolvidos nessa construção, além das questões relacionadas à didática do objeto a ser ensinado e aprendido.

É relevante o papel da educação como propulsora de mudanças comportamentais, concorrendo para a melhoria das condições de vida das pessoas com vistas à inclusão dos indivíduos no mercado de trabalho e sua formação cidadã.

## 2.2 – DEFICIÊNCIA FÍSICA: ASPECTO TEÓRICO E CONCEITUAL LEGAL

Pode-se definir a deficiência física como diferentes condições motoras que acometem as pessoas comprometendo a mobilidade, a coordenação motora geral e da fala, em sequencia de lesões neurológicas, neuromusculares, ortopédicas ou más formações congênitas ou adquiridas" MEC 2007.

UFSPI - BIBLIOTECA
13182 15/12/09

Neste aspecto, aclara que o conceito de deficiência física, pois entende-se por deficiência a perda ou anormalidade de uma estrutura ou função psicológica, fisiológica ou anatômica que há incapacidade para o desempenho de atividade, dentro do padrão considerado normal para o ser humano. Para Mazzota (1982 p-14) enfatiza que:

> [...] consideram-se deficiências os impedimentos visuais auditivos mentais e motores" desta forma, há uma variedade de tipos de deficiências e também de interinidade em cada uma delas. Por esta razão, o termo "deficiente" quando aplicado a pessoas abrange uma gama delas, ou seja, desde a que não é suficientemente inteligente para encontrar soluções adequadas diante das dificuldades da vida diária, a que tem uma leve perda de audição, até a pessoa física e mentalmente tão prejudicada que necessita de assistência em todos os aspectos da sua vida.

Nesta perspectiva, percebe-se que o autor aborda os conceitos de deficiência ou de pessoas deficientes de forma clara, apontando para os conceitos que diz respeito a falta de anormalidade e caracteriza a deficiência como um tipo de comportamento diferenciado. Ainda neste sentido os autores Duarte e Werner (1995, p. 8), versam sobre esta característica nos seguintes termos: "pessoas portadoras de deficiência são seres que possuem potencialidades, limitações e diferenças que os constituem como um ser ímpar".

Para tanto, outro termo empregado é, também, "pessoa portadora de necessidades especiais", que caracteriza alguém que não é necessariamente portador de uma deficiência. É um termo abrangente e define a pessoa como:

> "[...] a que apresenta, em caráter permanente ou temporário, algum tipo de deficiência física, sensorial, cognitiva, múltipla, condutas típicas ou altas habilidades, necessitando, por isso, de recursos especializados para desenvolver mais plenamente o seu potencial e/ou superar ou minimizar suas dificuldades" (BRASIL, 1994, p. 22)

De acordo com o texto a pessoa com deficiências especiais necessitam de um atendimento especializado desde o portão da escola até a sala de aula para que o mesmo possa desenvolver seu potencial plenamente e, com isso, quebrar todas as barreiras e superar suas dificuldades físicas e cognitivas. Mazzotta, (1982) pontua que:

> "É em relação ao meio onde vive a pessoa, à sua situação individual e à atitude da sociedade que uma condição é ou não considerada uma

> deficiência, uma vez que os problemas que assim a caracterizam "decorrem das respostas da pessoa às exigências do meio" (p. 14)

Neste pressuposto, o artigo 58 da Declaração de Salamanca (1994): evidencia a responsabilidade das autoridades pela educação em termos gerais explicitando que:

> As autoridades responsáveis pela educação aos níveis nacional, estadual e municipal têm a obrigação prioritária de proporcionar educação básica para todos. Não se pode, todavia, esperar que elas supram a totalidade dos requisitos humanos, financeiros e organizacionais necessários a esta tarefa. Novas e crescentes articulações e alianças serão necessárias em todos os níveis [...]. É particularmente importante reconhecer o papel vital dos158 educadores e das famílias [...]. Quando nos referimos a um enfoque abrangente e a um compromisso renovado, incluímos as alianças como parte fundamental.

Neste aspecto percebe-se na Constituição Federal de 1989 grande passo em defesa dos direitos da pessoa com necessidades especiais, que trata de um atendimento educacional especializado para os portadores de deficiência na rede regular de ensino de forma que:

> [...] o atendimento educacional especializado aos portadores de deficiência na rede regular de ensino; a criação de programas de prevenção e atendimento especializado para as pessoas portadoras de deficiência física, sensorial ou mental, bem como de integração social do adolescente portador de deficiência, mediante o treinamento para o trabalho e a convivência, e a facilitação do acesso aos bens e serviços, com a eliminação de preconceitos e obstáculos arquitetônicos (BRASIL, 1989, p. 84)

Entretanto deve-se salientar que, embora esses direitos estejam explícitos na lei, ainda é um desafio para os que precisam, pois existem dificuldade das autoridades na aplicação de seu cumprimento. Ou seja, há ainda o estigma que gera preconceito, discriminação, dificultando o processo de integração na sociedade, no trabalho e na escola.

## DESAFIO DA INCLUSAO DE PESSOAS COM DEFICIENCIA FISICA NO AMBIENTE ESCOLAR

Acolher a diversidade de indivíduos e contar com professores preparados para escola inclusiva atualmente é um grande desafio para a educação.

"A inclusão da educação de deficiente, "de educação das excepcionais" ou da educação especial" na política educacional brasileira vem a ocorrer somente no final dos anos cinquenta e inicio da década de sessenta do século XX. MAZZOTA (2005. P. 27).

Surge dessa forma, um movimento que desenvolve em uma objetividade social, marcada pela ação de sujeitos que, ao promover discussões apontam críticas e apresentam soluções, criam zona de tensões na sociedade que se mobiliza para compreender a inclusão de pessoas com necessidades especiais nos diversos espaços sociais, de modo especial, no ambiente escolar.

A escola historicamente se caracterizou pela visão de educação que delimita a escolarização como um privilégio de um grupo, uma exclusão que foi legitimada nas políticas e práticas educacionais reprodutoras da ordem social.

A partir do processo de democratização das escolas, evidencia-se o paradoxo inclusão / exclusão quando sistemas de ensino universalizam o acesso, mas continuam excluindo indivíduos e grupos considerados fora dos padrões homogeneadores da escola. Mantoan relata:

> A inclusão a ser devidamente enfrentada pela escola comum provoca a melhoria da qualidade da educação básica e superior, pois para os alunos com ou sem deficiência possam, exercer o direto a educação em sua plenitude é indispensável que essa escola aprimore suas práticas a fim de atender as diferenças. Esse aprimoramento é necessário sob pena de os alunos passarem pelas experiências educacionais sem tirar delas o proveito desejado, tendo comprometido um tempo que é irreversível em suas vidas o momento do desenvolvimento (2007 P. 45).

Neste contexto, é preciso que as Escolas de ensino regular integrem as pessoas portadoras de necessidades especiais favorecendo a elas uma educação inclusiva de qualidade, no intuito de ajudar a incluí-las na sociedade que por sua vez está inserida.

> Nosso modelo educacional mostra que já algum tempo de esgotamento faz-se necessário a transformação, as diferenças culturais sociais, étnicas e religiosas, já faz algum tempo que estão presentes na nossa escola (muito por ser o Brasil um pais de multiplicidade). Porém, hoje vivemos num mundo onde é impossível fechar os olhos a outras diferenças[1].

Diante desta realidade a escola não pode continuar ignorando os acontecimentos do (Brasil e do mundo). Ela é um aparelho da sociedade, se a sociedade muda, ela tem a obrigação de mudar também, pois a escola é para todos. Por esse motivo as escolas estão diante de um grande desafio que é o da inclusão de pessoas que portam necessidades especiais, de forma acessível e dinâmica favorecendo meios de atendimento educacional para educação inclusiva com as diferenças e colocando em prática aquilo que é pertinente de uma sociedade igualitária.

Neste contexto, pode ser evidenciado que o grande desafio das instituições educacionais no que concerne a inclusão de pessoas portadoras de necessidades especiais é de oferecer um ensino de qualidade, onde o desenvolvimento do aluno aconteça levando em consideração as formações de um cidadão participativo critico e consciente de seu papel na sociedade.

De forma que se garanta aos educandos um espaço de inclusão ideal para a sua permanência, de maneira que realmente o aprendizado efetive-se com êxito. Neste sentido Freire argumenta nos seguintes termos: É relevante assinalar que o sistema de ações políticas constituindo o fim de promover uma educação libertadora, humana e humanizante. FREIRE (1997 P. 15).

Assim, as questões desafiadoras enfrentadas pelos familiares que tem filhos com necessidades especiais, pelos os próprios alunos e professores nos espaços escolares, são dificuldades de atuação que residem basicamente no reconhecimento e interpretação dos distúrbios de aprendizagem que os alunos expressam, como também o valor da formação profissional do educador no que tange sua experiência, qualificação profissional, paciência, tempo e esforço para buscar respostas de aceitação e de inserção de alunos que portam deficiência na perspectiva de transformar e humanizar a escola, espaço para todos.

Portanto, incluir é um processo educativo que se refere ao respeito do ato de aceitação das diferenças. Assim (Carvalho 2000) versa:

> Inúmeros e complexos são os desafios à inclusão escolar de pessoas com deficiência, por inclusão, estou me referindo ao acesso, ingresso e permanência desses alunos, em nossa escola como aprendizes de sucesso e não como números de matriculas ou como mais um na sala de aula do Ensino regular (P. 101).

Entende-se que apesar dos avanços no campo da inclusão escolar, mesmo sendo ainda um desafio para os familiares de alunos com deficiências especiais como para os professores, ainda faz-se necessário que o poder público, escola e família repensem o sentido da inclusão para que realmente seja uma educação inclusiva.

## 3.1- PRÁTICA PEDAGÓGICA INCLUSIVA

Em estudo da linguagem inclusiva se diz da primeira pessoa do plural, que incluir o falante e o ouvinte, neste sentido deve-se dizer que são os professores e alunos que fazem educação inclusiva para o desenvolvimento da sociedade. É obvio que tais premissas devem ser interpretadas e em sua maioria contextualizada em novos paradigmas da aprendizagem que incorpora este novo jeito de incluir todos independentemente da anormalidade dos alunos. Educação inclusiva pode ser definida como:

> A prática da inclusão de todos independentemente de seu talento, deficiência, origem socioeconômica ou cultural em escolas e salas de aula provedora, onde as necessidades desses alunos sejam satisfeitos. STAINBACK E STAINBACK (1999. P 21).

Esta ideia aclara que educação inclusiva implica no envolvimento da sociedade como um todo, respeitando a individualidade e proporcionando que cada um seja sujeito na construção da aprendizagem, bem como cidadão apto ao exercício da cidadania. Para tanto "os profissionais da escola, incluindo a equipe de apoio, devem estimular a todos os alunos a tomarem suas próprias decisões, de forma que eles possam se tomar cada vez mais importantes, facilitando assim, um processo de inclusão escolar" SILVA, (2006, p.27).

Diante disso, percebe-se que a educação inclusiva para atender a finalidade da escola, deve promover a integração entre todos os alunos, ou seja, promover a interação, a integração entre colegas de turma e de toda a abrangência da escola. O ato de incluir não deve significar simplesmente matricular no ensino regular estes

educandos, mas assegurar ao professor e a escola o suporte necessário à sua ação pedagógica. Neste aspecto faz-se necessário que toda comunidade escolar deve se mobilizar e preparar-se para receber esses estudantes, num processo de reformulação das práticas pedagógicas com o objetivo de combater ações discriminatórias.

Em virtude disso, Martins (2006 p, 50) argumenta sobre a influência das práticas pedagógicas neste processo.

> O processo da inclusão escolar, a pessoa com necessidades especiais também devem ser oferecidas há dinâmicas didáticas pedagógicas que criem todas as oportunidades, no plano de desenvolvimento cognitivo, para ela compreender, julgar, raciocinar, exprimir-se, informa-se, interrogar, criar e criticar no pleno desenvolvimento afetivo e emocional. "A escola inclusiva precisa oportunizar o máximo de estimulação positiva de interação verbal lúdica". Um permanente despertar da curiosidade, motivação a participação na ação expressar de seus próprios sentimentos.

Assim, uma escola comprometida deve buscar continuamente a formação de pessoas com necessidades especiais a contemplar o seu aluno com o saber e tem que estar apta a romper barreiras, acolher, respeitar as diferenças, valorizar a curiosidade, estimular a autonomia e o sucesso escolar independente da sua condição. Neste âmbito, o professor precisa estar atento a singularidade de cada integrante do grupo, promovendo o intercambio entre eles, primando-as pela singularidade e completando-as sem a intenção da tão almejada turma homogênea (Montoan 2002).

De acordo com o pensamento da autora percebe-se que para receber alunos com necessidade educativas especiais no ensino regular depende de uma série de mudanças no ambiente escolar, como um currículo mais acessível, adaptação de novas práticas que facilitem a aprendizagem, precisa-se também rever posturas e conceitos e de modo especial, rever as práticas pedagógicas do cotidiano escolar. Por tanto, o acesso de alunos com necessidades educacionais especiais no ensino regular é admitido àquele que (...) possuem condições de acompanhar as atividades curriculares programadas do ensino comum, no mesmo ritmo que os alunos ditos normais. SALAMANCA, (1994. p.19)

Neste sentido, a inclusão é um ato de beneficiar todas as pessoas e não só as com deficiências, pois a verdadeira inclusão exige rupturas em seu sistema e envolve todos os excluídos podendo assim incluí-los no sistema educacional, tendo

em vista a igualdade, pois quanto mais se trabalha rumo a qualificação da educação mais se reduz a desigualdade.

Neste caso investir na formação dos docentes e funcionários é o que se pretende numa escola inclusiva, assim sendo, vale lembrar que trabalhar princípios como respeito e a solidariedade tornam o ambiente escolar acolhedor e acessível para todos.

Portanto, uma mudança centrada na inclusão implica como bem aborda Montoan (2006, P 15) no marco de que: "a escola não pode continuar ignorando o que acontece ao seu redor. Não pode continuar anulando e marginalizado as diferenças culturais, sociais, étnicas nos processos pelos quais forma e instrui os alunos".

Nesta perspectiva tais mudanças, na visão de Martins (2006 p 20) "Uma pedagogia centrada no aluno que possui vez, suscite a construção de uma sociedade que respeite a construção de uma sociedade que respeite a dignidade e as diferenças humanas". Por isso, vale ressaltar que a formação do profissional docente não deve se restringir na formação inicial, deve continuar em formação continuada. Bem como declara a Declaração de Salamanca (1994, p.11), quando expõe uma preocupação com a formação de docentes para a educação inclusiva e faz um apelo direcionado aos governantes para "assegurar num contexto de mudança sistemática, os programas de formação do professorado, tanto inicial como continua, estejam voltados para atender as necessidades educacionais nas escolas".

Assim, fica evidente, que o professor precisa inovar suas práticas pedagógicas no que tange a inclusão escolar como desafio do dia-a-dia da sala de aula, com uma postura diferenciada para realizar a inclusão de maneira significativa.

No entanto, a educação nesse molde só se evidencia nos sistemas educacionais que se especializam em todos os indivíduos, não apenas em alguns deficientes os quais deve ser uma prioridade para as escolas das instituições. Assim de acordo com as diretrizes da política nacional de educação inclusiva vale ressaltar que o atendimento educacional especializado tem como função identificar, elaborar e organizar recursos pedagógicos e de acessibilidade que elimine as barreiras para a plena participação dos alunos considerando suas necessidades especiais.

De todas as etapas e modalidades da educação básica, o atendimento educacional especializado, está construindo ofertas obrigatórias nos sistemas de ensino inclusão.

De forma que o atendimento educacional especializado deve ser uma ação da prática pedagógica correspondente a complementação e suplementação destinada a facilitar o acesso ao conhecimento dos adolescentes alunos com necessidades educacionais especiais

É sabido nos dias de hoje o professor vive num dilema quanto a sua prática pedagógica de modo especial quando se trata de educação inclusiva e, às vezes, por trabalhar três turnos em unidades diferentes. Além de não possuir uma formação adequada para trabalhar com esta demanda, por outro lado, existe a questão da renumeração que não condiz com os custos cobrados pela sociedade capitalista. Com isso, criam-se obstáculos que o impedem no exercício deste oficio com competência e habilidade planejada, viabilizando assim um ensino sem qualidade. De modo que o professor nesta situação, sem tempo suficiente para exercer suas práticas educativas, no geral não realiza um bom planejamento e termina improvisando suas atividades em sala de aula. Com relação a isso Freire (2001. p.32) diz:

> Não há ensino sem pesquisa e pesquisa sem ensino, esses que fizeram se encontrem um no corpo do outro. Enquanto ensino contínuo buscando, recuperando, ensino porque busco, porque indaguei, porque indago e me indago, pesquisa para constatar, constatando, entrevendo, intervindo educo e me educo, pesquiso para conhecer o que ainda não conheço e comunicar ou anunciar a novidade.

Para tanto, faz-se necessário que o professor para exercer o oficio de acordo com as exigências da demanda da qual ele é responsável para formar e informar sobre o exercício da cidadania na sociedade, precisa - abdicar do trabalho múltiplo organizando-se de forma que possa fazer e fazer bem neste sentido os jovens com necessidades especiais carece desta atenção voltada para suas dificuldades que limitam a aprendizagem,

Nesse sentido, Freire (1997, p.115) agiganta a responsabilidade do professor quando afirma que se é docente contra qualquer tipo de discriminação que cala e imobiliza, e a favor da esperança que impulsiona e alavanca o progresso:

> Sou professor a favor da luta constante contra qualquer forma de discriminação econômica dos indivíduos ou das classes sociais. Sou

> professor contra a ordem capitalista vigente que inventou esta aberração: a miséria na fartura. Sou professor a favor da esperança que me anima apesar de tudo. Sou professor contra o desengano que me consome imobiliza.

Desse modo, o professor, além de facilitador do processo ensino-aprendizagem, é modelo e referência para os alunos, sinal de esperança, visto que sua prática docente os impulsiona a seguir os estudos, transformando-se em indivíduos capazes de mudar a sociedade. Assim, o "ser professor" contribui para um olhar diferente dos educandos com deficiência no sentido da sua valorização pessoal e busca de um mundo melhor.

# PROCEDIMENTOS MEDODOLOGICOS

## 4.1 TIPO DE PESQUISA

Esta monografia constitui a partir de pesquisas bibliográficas e observação no campo de estudo com abordagem de natureza descritiva e qualitativa. Estudar a construção da identidade social do adolescente com deficiência física no ambiente escolar, bem como o processo de aprendizagem dos alunos com necessidade especiais, exige uma referencia teórica que pode ser encontrado em áreas humanas como também no processo de transformação histórica pela qual passou e continua passando a educação.

## 4.2 – OBJETIVOS DA PESQUISA

**Geral**

Discutir sobre a construção da identidade social do adolescente com deficiência física no ambiente escolar, para melhor compreender e esclarecer como ocorre o seu desenvolvimento de inclusão no ambiente escolar.

**Específicos**

- ✓ Avaliar o processo de inclusão do adolescente com deficiência física na Unidade Escolar Dr. João Carvalho;
- ✓ Elencar os pressupostos legais da inclusão escolar;
- ✓ Observar a partir da visão do professor a dificuldade de ensino aprendizagem dos adolescentes com necessidade especial.

## 4.3 – CAMPO DA PESQUISA

O ambiente explorado foi uma instituição pública, Unidade Escolar Dr. João Carvalho, situada no município de Dom Expedito Lopes-PI, cujo endereço se situa

na Rua Cônego Cardoso, Nº. 86. Dom Expedito Lopes-PI e o mesmo pertence à rede estadual de ensino.

## 4.4 – SUJEITOS DA PESQUISA

Foram observados 04 (quatro) alunos adolescentes com necessidades especiais e 01 (um) Professor do 6º ano do Ensino Fundamental em sala regular.

## 4.5 – UNIVERSO DA PESQUISA

01 sala de aula regular

04 alunos adolescentes com deficiência física

01 Professor

## 4.6 – INSTRUMENTOS DE COLETA DE DADOS

Realizou-se observação em uma sala de aula período regular onde os sujeitos foram os alunos e um professor. Sendo que estes alunos observados, foram 04 adolescentes que portam deficiência física. A sala de aula foi laboratorial onde tornou-se possível perceber os desafios enfrentados pelo professor e sua prática pedagógica relacionada a inclusão escolar de adolescentes especiais na Unidade Escolar Dr. João Carvalho, sendo que os resultados obtidos foram significantes para toda a comunidade escolar, pois os mesmos poderám ser utilizados e transformados em ações junto a comunidade escolar e sociedade civil tendo em vista a transformação continua dos sujeitos egressos no ambiente escolar que remete a construção de sua identidade na sociedade.

## 4.7 CARACTERÍSTICA DA ESCOLA

A Unidade Escolar Dr. João Carvalho, Município de Dom Expedito Lopes-PI, fica situada na Rua Cônego Cardoso, Nº. 86. Dom Expedito Lopes-PI e pertence a rede estadual de ensino. A instituição tem 32 funcionários, possuindo atualmente 20 (vinte) professores, 04 (quatro) auxiliares e 04 (quatro) serviços gerais, 01(um) técnico – administrativo, 01(um) diretor titular, 01(um) adjunto, 01 (um) coordenador.

A escola matriculou 402 alunos no ano de 2014 no Ensino Fundamental, EJA e Ensino Médio distribuídos nos turnos diurnos e, noturnos este conta com 25 alunos matriculados na EJA – Educação de Jovens e Adulto. Lembra ainda que dentre estes alunos que foram matriculados em 2014, foram inclusa 04 ( quatro) matriculas de alunos com necessidades especiais.

Para compreender melhor segue abaixo os quadros que apresentam as características dos alunos observados e professor ministrante de aula na turma.

O quadro 01 caracteriza os alunos observados no ambiente escolar e o quadro 02 apresenta a característica do professor que ministra aula na turma dos alunos com deficiência física do turno da manhã. Sala regular do 6º ano do ensino fundamental.

QUADRO 01

| ALUNOS | SEXO | IDADE | ESCOLARIDADE | CONDIÇÃO SISTEMA ESCOLAR |
|---|---|---|---|---|
| 01 | m | 13 | 6° | deficiência visual |
| 01 | f | 10 | 6° | durdo |
| 01 | m | 15 | 6° | síndrome de Down |
| 01 | f | 16 | 6° | síndrome de Down |

QUADRO 02

Identificação do professor observado em sala de aula

| Professor | Sexo | Escolaridade | Especialista | Em educação especial |
|---|---|---|---|---|
| 01 | f | Pedagogia | Sim | Sim |

Esta escola funciona atualmente com 402 (quatrocentos e dois alunos) e o quadro de docentes compõe 32 (trinta e dois) professores efetivos.

Todos têm prestado relevantes serviços à comunidade através de uma larga experiência com o magistério e a nobreza de seus conhecimentos. A direção da escola soma ao quadro de professores, vigias e zeladores, no intuito de fazer desta

escola, uma escola onde se transmite conhecimento e valores éticos para o crescimento integral do ser humano.

Segundo as informações colhidas, durante a observação realizada, todos os funcionários da escola, recebem do Estado os seus honorários mensalmente e sem atrasos. Além disso, esta unidade de ensino participa de alguns programas assistenciais do Governo, tais como: Programa Nacional de Alimentação Escolar (PNAE) que disponibiliza anualmente o valor de R$ 22.971,00 (vinte e dois mil novecentos e setenta e um reais) para a merenda escolar; Programa PACTUE que disponibiliza anualmente R$ 7.463,50 (sete mil quatrocentos e sessenta e três reais e cinquenta centavos), para a manutenção de objetos, conserto de computadores, limpeza e material de expediente); Programa Dinheiro Direto na Escola (PDDE) que disponibiliza anualmente o numerário de R$ 4.280,00 (Quatro mil duzentos e oitenta reais), onde 20% é destinado para aquisição de bens permanentes e 80% para custeio de atividades pedagógicas e infraestrutura, inclusive de manutenção e conservação do prédio.

Observou-se que as atividades pedagógicas inclusivas desenvolvidas pela Unidade Escolar Dr. João Carvalho como, por exemplo, Show lírico Musical que envolve poesias, dramatizações e músicas; Folguedos através de danças, quadrilhas, dramatizações, literatura de cordel e oficinas. Deu-se para perceber que no inicio do ano letivo nas turmas de matemática e português acontecem oficinas pedagógicas com os professores e a Semana Pedagógica é prioridade nesta escola onde se determina a postura pedagógica a ser assumida durante o ano letivo levando em conta a interação professor, aluno e família.

## RESULTADO E DISCUSSÃO DOS DADOS

Como resultado da pesquisa percebe-se mediante observações realizadas em sala de aula que as dificuldades que a Unidade Dr. João Carvalho enfrenta no cotidiano escolar, devido ao ambiente que ainda não está adequado para receber alunos com deficiências, também ainda os profissionais não são devidamente qualificados para trabalharem com a demanda que procura a escola . Pensando assim, Rodrigues (2006) é enfático ao difundir que o desenvolvimento de competências para a educação inclusiva, ainda que possa ter uma fase de sensibilidade na formação inicial, só poderá ser plenamente assumido ao longo de uma prática em serviço. Prática esta que deve ser permeada continuamente de reflexão e mudanças.

De acordo o pressuposto abordado, que por sua vez defende o desenvolvimento de competências para a educação inclusiva, notou-se que os professores desta escola se empenha com toda a sua capacidade humana para envolver estes alunos e desenvolver neles um aprendizado satisfatório. E esta prática acontece através de atividades realizadas em sala de aula com recurso didáticos e tecnológicos que a instituição oferece como também participa com eles nos momentos recreativos para inseri-los nas atividades lúdicas junto a outros jovens.

Outro ponto que foi observado na ambiência escolar que pode ser visto como ponto positivo por parte dos professores e demais colaboradores, foi à promoção de campanhas de conscientização da comunidade acerca da importância da inclusão de pessoas com deficiência física na escola regular, pois com essa atitude valiosa e calorosa da comunidade escolar os familiares destes jovens hoje são mais participativos na vida escolar de seus filhos.

Outra grande contribuição que ficou nítida pelo pesquisador foi a oportunidade de capacitação que os docentes desta escola tem e que lhes estão oferecidas, pois os mesmo são sempre convocados para participarem da formação continuada, conferência e seminários sobre de inclusão de pessoas com deficiência.

Por outro lado, percebeu-se também a existência de uma lacuna entre formação profissional e uma desarticulação com a prática pedagógica, reforçando assim, a dicotomia teórica e prática.

Tais evidências demonstram, conforme Reis (2006 P 82) que "a vinculação entre o pensar e o agir podem ter significado, tornando inviável a este profissional da educação uma prática educativa vivenciada na realidade escola" uma vez que a inclusão de pessoas com necessidade educativas especiais já é realidade na rede regular de ensino.

Dessa forma os docentes, no contexto de sala de aula, precisam conhecer os seus alunos, identificando as possíveis anormalidades emergentes nos mesmos. Eles devem saber identificar os alunos especiais, quais os seus problemas, isso porque nem sempre esses problemas vêm logo expressos estereótipos do aluno.

Ao concluir este estudo verificou-se que ainda tem muito o que se fazer para efetivar inclusão escolar de alunos com necessidades especiais. Ficou claro que não basta ser a favor da inclusão para que ela aconteça assim como não basta ser contra para evitá-la. É preciso um compromisso sério de todos os segmentos que fazem a educação.

A escola é um espaço agregador de conhecimentos, regras e valores diversos e, portanto, do mesmo modo que a família, também é um espaço de conflitos. Ao articular conhecimentos culturalmente organizados, a escola promove experiências e, a partir destas, maneiras diferentes de pensar e agir. Ao mesmo tempo, no processo de apreensão dos conteúdos, possibilita uma melhor compreensão do funcionamento mental, essencial ao processo de aprendizagem (REGO, 2003).

Dessa forma, a instituição escolar se configura como fundamental para o desenvolvimento do indivíduo e da sociedade. Além de ter que lidar com as constantes transformações e chamamentos do mundo globalizado, a ela compete fornecer suporte aos pais, alunos e professores no enfrentamento das adversidades. É função da escola, nesse sentido, promover a evolução intelectual, social e cultural do homem.

Portanto, a escola é um espaço concreto e fundamental para a formação de significados e para o exercício da cidadania, pois na medida em que possibilita a aprendizagem de participação crítica e criativa, contribui para a formação de cidadãos capacitados e atuantes. Educar é, pois, dar autonomia intelectual para o sujeito construir sua história valorizando sua identidade tornando-se protagonista da mesma, colaborando para uma sociedade mais justa e solidária.

A pesquisa permitiu constatar que os adolescentes com deficiência física que se encontram na ambiência escolar enfrentam todas as dificuldades no processo

aprendizagem, pois ainda é um desafio. O estudo mostrou que os professores são favoráveis a uma escola para todos, mas eles ainda sentem-se impotentes, ou seja, pouco preparados e pouco apoiados pelos sistemas políticos educacionais para desenvolverem uma educação inclusiva que prepara o aluno para a vida e a construção de sua identidade social.

Mostrou também que as professores da escola supracitada se relacionam positivamente com os alunos com deficiência e os demais alunos.

Ficou claro que eles acreditam que podem auxiliar estes alunos com deficiência física na escola regular que é considerado um espaço de aprendizagem se tiverem mais recursos e maior preparação para enfrentar os desafios no campo educacional.

Portanto, a realização desta investigação possibilitou um aprendizado a respeito desta temática em estudo, e com um olhar reflexivo abriu novos horizontes para uma atuação em prol de uma escola inclusiva que busca a construção de sua identidade social e assegura os direitos de todas as crianças e jovens com necessidades especiais a terem uma vida digna sem exclusão.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A escola como instituição de ensino tem a obrigação de adaptar sua estrutura física para receber alunos com deficiência e alunos ditos normais, zelar por sua manutenção e limpeza, preparar professores e funcionários para lidar com eles e não simplesmente fugir de sua existência, conscientizar os alunos quanto a importância da aceitação do diferente. Ou seja, a inclusão dessas pessoas nas ambiências escolares com o intuito de buscar juntos com estes adolescentes a construção da identidade social.

A partir das reflexões tecidas neste estudo, aclara que a educação inclusiva constitui-se como um fator relevante para a transformação em uma perspectiva da construção de sua identidade social. A inclusão prevê uma restauração do sistema educacional havendo mudanças estruturais, objetivamente um aflorar para o espaço democrático e comprometido, onde passa trabalhar com todo educando, seus preconceito e descriminação baseando-se no princípio do respeito à diversidade. Pois a educação deve está voltada para a prática da cidadania de forma dinâmica, valorizando e respeitando aqueles que portarem necessidades especiais, estimulando os mesmos a construírem seu processo de conhecer, aprender, reconhecer e construir sua própria cultura.

A conclusão desta pesquisa despertou para uma reflexão sobre a inclusão de alunos adolescentes com deficiência física, necessidades no ambiente escolar e inserido no ensino regular juntos aos alunos ditos normais. Percebeu-se também que a escola ainda não tem uma estrutura adequada para receber estas crianças, pois os espaços são pequenos, tanto as salas de aulas, quanto o pátio de escola.

A pesquisa permitiu um olhar diferenciado a respeito desta questão, e que, portanto, incluir é preciso aceitar as diferenças individuais como uma qualidade e não como um obstáculo valorizando esta diversidade humana pela sua importância para o enriquecimento de todas as pessoas envolvidas no sistema de educacional.

Vale ressaltar que são muitos os entraves existentes no processo de inclusão como, por exemplo, a falta de incentivo do jovens, apoio especializado para reforçar o trabalho do professor, recursos e equipamentos específicos para o acesso ao saber pedagógico e escassez de material didático.

Para atender pedagogicamente esta demanda espera-se que esta pesquisa contribua na viabilização de mudanças no processo de construção da identidade social do adolescente com deficiência física no ambiente escolar além das salas de aula do ensino regular.

## REFERÊNCIAS


Becker, D. (1989). **O que é a adolescência**. São Paulo: Brasilien

Bock, A. M. B. (2001). **Aventuras do Barão de Munchhausen na Psicologia**. São Paulo: EDUC e Cortez Ed..

BOCK, Ana Mercês Bahia. **A perspectiva sócio-histórica de Leontiev e a crítica à naturalização da informação do ser humano: a adolescência em questão.**Cad. CEDES, 2004,vol.24 no. 62, p. Campinas.

BRASIL; MEC/SEESP. **Política nacional de educação especial**. Brasília: Secretaria de Educação Especial, 1994.

BRASIL. Constituição (1998). Constituição da República Federativa do Brasil. Brasília,DF: Senado, 1988.

CALLIGARIS C. (2000). **A adolescência**. Coleção Folha Explica.São Paulo: PUBLIFOLHA.de São Paulo, São Paulo.

CARVALHO, Rosita Edler. **Removendo Barreira para a aprendizagem**. Porto Alegre. Mediação 2000 Conferência Mundial sobre Necessidades em Educação Especial.

DECLARAÇÃO mundial sobre educação para todos: satisfação Brasília CORDE,1994.dasnecessidadesbásicasdeaprendizagem.Disponívelem:<http://www.unesco.ufdecjomtien> . Acesso em: 10/10/ 2014.

DUARTE, E; WERNER, t. **Conhecendo um pouco mais sobre as deficiências.** In. COSTA, V.L. de M. (Coord.) **Curso de atividade física e desportiva para pessoas portadoras de deficiências**: educação à distancia. Rio de Janeiro: ABT/UGF, 1995, v. 2.

Zagury, T. (1996). **O adolescente por ele mesmo: orientação para pais e educadores.** Rio de Janeiro: Record.

Zagury, T. (2001). **Limites sem trauma**. (12ª ed.). Rio de Janeiro: Record. R

VIGOTSKI, Liev Semióniovich. S. **A construção do pensamento e da linguagem**. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

MAZZOTA, Marcos José Silveira. **Fundamentos da educação especial.** São Paulo: Livraria Pioneira Editora, 1982. (Série Cadernos de Educação).

DECLARAÇÃO, de Salamanca. **Linha de ação sobre necessidades educativas especiais.** Brasília, CORDE, 1994.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia**. São Paulo: Paz e Terra 1997.

FREIRE P. A. **Pedagogia da Autonomia**: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 2001.

MANTOAN, Maria Tereza Eglér GPO: **Atendimento Educacional Especializado**. São Paulo, MEC/SESSP/2007.

_____, Maria Tereza Eglér (org) **Caminhos pedagógicos da Inclusão**. Ed Memnon. 2002.

_____, Maria Teresa Eglér. **Inclusão Escolar: oque? Por que ? Como fazer?** 2ª Ed. São Paulo; Moderna 2006 – (cotidiano escolar ação docente).

MAZZOTA, Marcos José Silveira. **Educação Especial no Brasil: história e políticas públicas,** 5ª Ed, São Paulo São Paulo: Cortez 2005.

MARTINS, Lucia de Araújo Ramos. **Inclusão Escolar: algumas notas introdutórias,** IN, MARTINS, Lucia de Araujo Ramos et AL (Org). Inclusão: compartilhando saberes. Petrópolis – RJ: VOZES, 2006.

PERLIN, Gladis T.T. **Identidade dos surdos** IN. Skiliar Carlos (Org). **A surdez: um olhar sobre as diferenças** 2ª Ed. Porto Alegre.1998.

REIS, Marlene Barbosa de Freitas. **Educação Inclusiva**: limites e perspectivas. Goiânia: Descubra, 2006.

REIS, Marlene Barbosa de Freitas. **Educação Inclusiva: limites e perspectivas**. Goiânia: Descubra, 2006.

REGO, T. C. **Memórias de escola: Cultura escolar e constituição de singularidades**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2003.

RODRIGUES, Davi. Dez Ideias (mal) **feitas sobre a educação inclusiva**. In RODRIGUES, Davi (Org). **Inclusão e Educação: doze olhares sobre a educação inclusiva.** São Paulo: Sammus, 2006.

SILVA, Adilson Florentino. **A inclusão escolar de alunos com necessidades educacionais especiais: deficiência física.** Brasília Ministério da Educação, Secretaria de Educação Especial, 2006.

SILVA, Tomaz Tadeu. (ORG) **Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais.** Petrópolis 2000.

STAINBACK,Susan:STAINBACK, Willian. **Inclusão: um guia para educador**. Porto ALEGRE Artmede .1999.

1 ESTEBAN Reyes Celedan. **Inclusão Escola:** um desafio www.geocities.ws/profestebanpolanco/inclusao.htm acesso em 10/10 /2012

TIBA. Içami. **Disciplina: Construção da disciplina consciente e interativa em sala de aula e na escola** 7º ed São Paulo: LIBERTAD. 1996.